

A MÁSCARA EXPANDIDA

Um devir poético na interface visualidade-teatralidade

Sônia Lucia Rangel¹

RESUMO: Trata-se de uma reflexão advinda da minha experiência criativa como artista-pesquisadora, abordando a presença da Máscara na ontologia da criação, em aspectos que extrapolam o objeto material em si, sem abrir mão do seu uso, quando há o interesse, mas compreendendo e expandindo a Máscara enquanto Imagem, sistema de pulsões e personas instauradas no devir da própria criação, um *topos* esgarçado pelo imaginário em *formatividade* sempre coletiva.

Palavras-chave: Máscara. Imaginário. Processos Criativos. Devir. Formatividade.

Trata-se de uma reflexão advinda da minha experiência criativa como artista-pesquisadora, abordando a presença da Máscara na ontologia da criação, em aspectos que extrapolam o objeto material em si, sem abrir mão do seu uso, quando há o interesse, mas compreendendo e expandindo a Máscara enquanto Imagem, sistema de pulsões e personas instauradas no devir da própria criação, um *topos* esgarçado pelo imaginário em *formatividade*² sempre coletiva.

Na intensa floração e flutuação de Imagens que perpassam obras em formatos e meios diversos, a Máscara será aqui tomada como um fio condutor, portal de acesso, princípio criativo no interior-exterior deste trajeto poético. No meu trabalho, o tema da criação compõe não só a base teórico-reflexiva como aparece também nas obras artísticas. Na perspectiva da “imaginação ativa” como função de pensamento, intensificada na criação artística, inspiro-me, entre outros, na teoria da psicologia analítica de Jung e na fenomenologia da imaginação, do pensamento de Bachelard.

¹ Artista visual e cênica, pesquisadora de Processos Criativos, Mestre em Artes Visuais e Doutora em Artes Cênicas, professora dos Programas de Pós-Graduação da Escola de Teatro e da Escola de Belas Artes da UFBA. Possui obras em acervos públicos e privados no Brasil e no exterior. Atualmente coordena o grupo Os Imaginários, ensino-pesquisa-extensão, cujo último espetáculo Protocolo Lunar ganhou o prêmio FUNARTE Miriam Muniz de Circulação para o ano de 2012.

² Sobre a origem do conceito de *formatividade*, ler especificamente de Luigi Pareyson o título *Estética teoria da formatividade* (Petrópolis: Vozes, 1993). Sobre o pensamento de Pareyson, são bastante esclarecedoras a *Nota Introdutória* e a primeira parte do capítulo I, intitulada: *A estética da formatividade e o conceito da interpretação*, do livro *A definição da arte* (São Paulo: Martins Fontes, 1981) de Umberto Eco – que foi discípulo de Pareyson.

“Autorizo-me” então, posso “imaginar ser outro” e manter um diálogo teórico que encontra eco, principalmente aqui, por estes dois pensadores.

Início esta aproximação relendo citações extraídas de dois ensaios bachelandianos intitulados *A máscara*, (1986, p. 164) e *Fragmento de um diário do homem* (1986, p. 190), ambos parte do livro *O direito de sonhar*. No primeiro ensaio, o filósofo da imaginação tece considerações abrangentes sobre a ontologia do travestir-se, provocado no diálogo com as pranchas e o modo operatório dos testes de Rorschach e, no outro, refere-se exatamente ao solitário lugar do trabalho filosófico criador; misturo citações destes dois ensaios criando intencionalmente uma colagem, tomo aqui a liberdade de propor uma leitura dramática destas citações para que o leitor as interprete, dando voz diferenciada num diálogo entre personagens:

- A— consciência de estar só é sempre, na penumbra, a nostalgia de ser dois.
- B— De fato se me observo “o eu é um outro”.
- C— A noção de máscara trabalha obscuramente em nosso psiquismo.
- A— O redobramento do pensamento é automaticamente um desdobramento do ser.
- C— Uma fenomenologia de dissimulação deve remontar à raiz da vontade de ser outro que se é.
- B— Do ser mascarado à máscara há fluxos e refluxos,
- C— dois movimentos que repercutem na consciência.
- A— A máscara torna-se um centro de condensação no qual as possibilidades do ser encontram coerência.
- B— A máscara realiza, em suma, o direito que nos concedemos de nos desdobrar.
- A— Oferece uma avenida ao nosso duplo,
- C— a um duplo potencial ao qual não soubermos conferir o direito de existir, mas que é a própria sombra de nosso ser,
- B— sombra projetada não atrás, mas adiante de nosso ser.

Este encontro foi particularmente reconfortante, há muitos anos atrás, pelas coincidências em experi-

mentos poéticos que vinha realizando e, agora, o retomo motivada pelo tema deste seminário, pois para mim esclarece como na própria ontologia do ser, a Máscara-Imagem opera seu centro de irradiação.

No pensamento junguiano, no processo de individuação, a presença da Sombra é fator dinâmico e essencial; em diálogo, se pensarmos os processos criativos como verdadeiras “individuações”, pois o sujeito se cria ao criar a obra, encontraremos a Sombra que se ancora como um devir do sujeito, acontecimento, no confronto com todas as forças objetivas-subjetivas que atuam e se atualizam na obra e em seu psiquismo.

Associo também aqui a repercussão do conceito de individuação no pensamento e citações de Michel Maffesoli, para a compreensão de fenômenos da sociedade contemporânea, do imaginário pós-moderno:

Sem dispor de uma competência específica, nessa matéria como em muitas outras, eu lembraria a aproximação estabelecida por Jung entre “o processo de individuação” e o inconsciente coletivo. Individuação e não individualização, remetendo esta à mônada isolada, auto-suficiente, e estando aquela, pelo contrário, em constante interação com os outros. Outros presentes e outros passados. (2007, p. 164)

É levando a sério essa interação que o pensamento radical se torna, também, a expressão de um “processo de individuação íntima” capaz de ligar de forma hermenêutica os elos do passado aos do presente, com isto probabilizando o futuro. (2007, p. 164)

Portanto,

- A— Posso imaginar ser outro.
- B— Posso imaginar que o mundo seja outro.
- A— Vou além: posso imaginar o que não vivi.
- B— Posso recordar o que não vivi.

Escolho do pensamento junguiano algumas citações, para aqui, então, associar à noção bachelandiana da “sombra projetada adiante de nosso ser”. Para considerar a Sombra como um devir do ser, acontecimento do próprio sujeito criativo, subjetividade e alteridade a ser atualizada a cada ato poéti-





co. Apresento agora uma colagem intencionalmente montada para ser interpretada na mesma forma dramática, juntando citações de dois livros *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo* (1982, p. 67-68) e *Memórias, Sonhos, Reflexões*, (1978, p. 19-20), o livro autobiográfico de Jung, corajoso, pois escrito após seus oitenta anos.

- A— Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo o que nele repousa aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir a partir de suas condições inconscientes e experimentar-se como totalidade.
- B— A fim de descrever este desenvolvimento, tal como se processou em mim, não posso servir-me da linguagem científica; não posso me experimentar como um problema científico.
- C— Como mostrei em outro lugar, não considero o símbolo em sentido alegórico ou semiótico, mas propriamente, como a designação e formulação possíveis de um objeto não perfeitamente identificável em todos os seus aspectos.
- A— Cada vida é um desencadeamento psíquico que não se pode dominar a não ser parcialmente.
- B— O que vemos é a floração,
- A— mas o rizoma persiste.

Pelo fio condutor da Máscara, então, como Objeto-Imagem, Princípio Criativo (Figura 1), Objeto-Imagem aqui equivalendo a símbolo, aproximando-se desta acepção acima citada, na qual seu significado, além de permanecer aberto, pois inesgotável de sentidos, nunca poderá ser atingido pelo pensamento

direto, nunca será encontrado fora do devir próprio do processo-imagem, vou referir-me agora a obras artísticas, recortes oriundos de três grandes ciclos de minha autoria, designados sob título geral de: *Circumnavigare* (1995), *CasaTempo* (2005), e *Olho desarmado* (2009), este terceiro ciclo, o mais à flor da pele de todos, pois aberto, implicado nos projetos atuais, ainda em andamento. Estes trajetos artísticos, dos quais participam uma diversidade de obras e eventos, correspondem ao título de três livros já publicados. O ano anexado ao título refere-se ao ano da publicação do livro. Os livros, que considero como ápices em cada fluxo, congregam um universo poético e teórico em imagens e reflexões, e também permitem seus cruzamentos e desdobramentos na transformação em novas obras. Embora datados e estáveis enquanto publicação, esta estabilidade que às vezes me incomoda, pois não posso mais alterá-la, mesmo desejando, ao mesmo tempo cumpre a ambivalente função de fazer bem, pois ancora cada universo como ciclo, permite conteúdos retornarem, criando visibilidade e comunicabilidade de novos aspectos, sempre parciais, nesta tarefa de traduzir o indizível, de intermediar interno-externo, tarefa da qual nenhum artista escapa na experiência da criação, mais ainda e principalmente no âmbito acadêmico. Portanto a partir desta estabilidade permitida pela publicação dos livros, novamente as Imagens se misturam, se mesclam, dançam, reaparecem e se atualizam a cada evento (figuras 2 e 3), como devir-surpresa, vida-vias de relações.



Figura 2 – RANGEL (1995) – *Circumnavigare Cenário* – Instalação Museu de Arte Moderna, Salvador-BA. Foto: Isabel Gouvêa.

Do primeiro ciclo *Circumnavigare*³, escolho um poema (1995, p.71) que foi por mim intensamente utilizado em performances, vídeos, objetos e instalações. Intitulado:

Sonho, Mito, Utopia?

Não tenho bem certeza do que é
Não sei, as palavras afastam
Sei que o sonho não é sonho
Rebenta
Calçadas de cimento
Ruas de betume
Rios de granito
Florestas radioativas
Rebenta
A fonte de água benta
E permanece como um templo maia
Edificado
Dentro do cérebro ou da boca
Sem que ninguém possa
Decifrar ou sufocar
Apenas esperando
Não se sabe há quanto tempo
De vez em quando
Sua ausência de rosto surge sangrando
De vez em quando é dado como morto
Mas uns poucos
Guardam no fundo a certeza
De que jamais morreu
Uma presença quase física que nenhuma imagem
(r)existe
Para decifrar

³ *Circumnavigare*, em síntese, é uma imagem do arquétipo do labirinto. Um sonho de volta, de fazer voltas. O mapa deste labirinto, seu corpo e caminho, vão sintetizados na espiral que permite o fazer voltas em aberto, sondar ao mesmo tempo superfície e profundidade. O verbo é em latim, pois ainda estudei latim na escola secundária, e declinações soavam como a fala de seres imaginários nos desvãos da língua portuguesa. Nesta imagem-labirinto, mãe da língua e Via Láctea espiralada, continente da Terra-Mãe, as Sete Estações em que o livro está dividido surgiram então como lugares poéticos, lugares da vida íntima. *Sonho, Mito, Utopia?* – faz parte da *Estação Passagem*. Nela, o sujeito criativo opera um primeiro domínio transformativo sobre sua matéria poética, ou seja, a passagem do *quintal da infância* para o *quintal do mundo*.



Figura 3 – RANGEL (1995) – *Circumnavigare* Atuação Performance – Museu de Arte Moderna, Salvador-BA. Foto: Isabel Gouvêa.

Do segundo ciclo *CasaTempo*⁴, escolho o poema (2005, p. 25):

Gênesis

Todos vêm do mesmo lugar, poemas, desenhos.
Quando chegam, eu os saúdo e curvo-me perante a irrefutável presença.
Meu trabalho é dar forma, sentido, casa e tempo para que se mostrem,
Nem sempre na sua inteireza.
Nunca sei se é bom ou ruim.
Suponho uma unidade invisível
Que percebo e construo devagar
Como urdidura que me desvela às vezes
Coisas que eu não queria saber.

⁴ *CasaTempo* aglutina uma diversidade de corpos-sensação, expõe a experiência do criar-se pela própria criação artística. A primeira e única casa, o corpo de sensações, transforma-se ciclicamente. Por isso o poema *Genesis* esclarece as intensidades da complexa operação deste novo ciclo. Neste ciclo, o tema da infância submerge, mas em surdina, sua sombra ecoa no poema *CorpoDuplo*. (2005, p. 54-55)

Por isso falo em várias formas de língua,
Estratégia talvez para burlar a mim mesma,
Também como se precisasse de muitos outros
eus

Para a minha existência ordinária continuar valendo.

É um trabalho que não tem escolha.

Através dele me salvo e me consolo.

Se será visto, lido, aceito pelos outros é algo muito desejável,

Mas incógnito. Antes, bem antes, preciso sobreviver tratável.

Transitável, fazer meus trajetos de mundo.

Quando escapo do naufrágio diário

Posso até pensar em outras hipóteses de vida

Para o que faço e para mim mesma.

E do livro *Olho desarmado*⁵, do ciclo atual, transcrevo o poema *Mantra* (2009, p. 27), mas na terceira pessoa, como se desdobrou e foi incluído na dramaturgia do espetáculo *Protocolo Lunar* (figuras 4 e 5), gravado para a encenação na voz do ator Harildo Deda.



Figura 4 – Protocolo Lunar – Temporada 2011, na foto: Sonia Rangel, Jeane Sánchez, Ricardo Stewart, Heyder Moura e Ruth Marinho – Teatro Martim Gonçalves, Salvador/BA. Foto: Isabel Gouvêa.

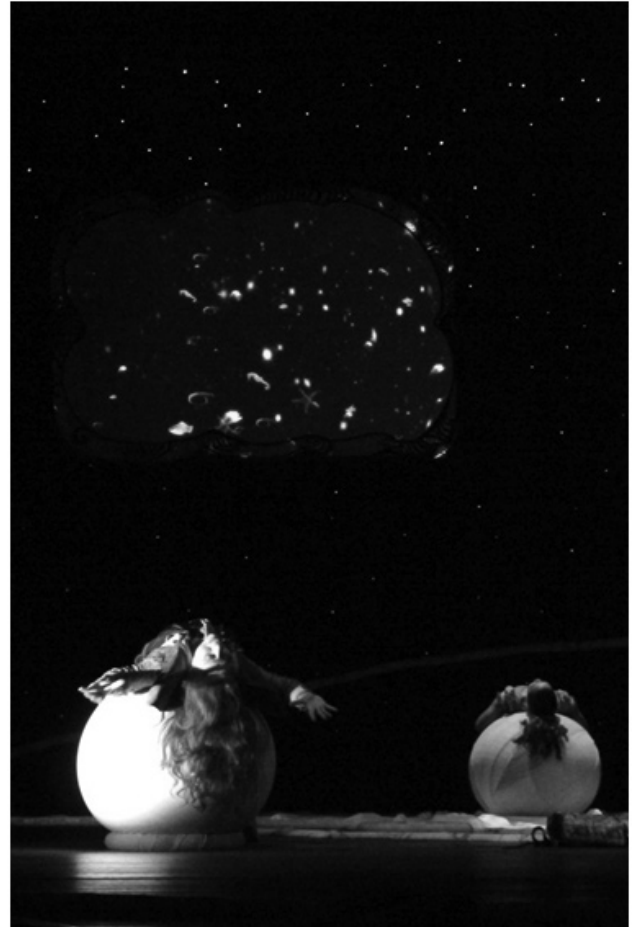


Figura 5 – Protocolo Lunar – Temporada 2011, na foto: Sonia Rangel e Juliana de Sá – Teatro Martim Gonçalves, Salvador/BA. Foto: Isabel Gouvêa.

Mantra

Quando ela era muito pequena e o mundo doía
difícil

Inventou sem saber um exercício de proteção

Que à noite repetia como brincadeira-mantra

Deitada no chão do quintal:

“Olhava-se” de uma estrela

A menor que com nitidez minha vista alcançasse

E então

Dessa estrela ela se via do tamanho de uma formiga

A sua dor de desentendimento do mundo ficava
assim tão pequena

Que desaparecia

Quando exagerava na lente ela mesma desaparecia

Ficava mudo mundo vazio instantâneo infinito

Era bom e difícil: um único botão produzia foco
reduzia ampli-ficava

⁵ Olho Desarmado nos poemas-pinturas traduz o desmontar do olhar com o próprio desmonte do olho. Fotografei a íris do meu olho (parte única como a impressão digital) e este fragmento é deslocado e montado com outras imagens. Também trata do estranhamento que nos desarma no encontro-fusão com o olhar-criança, o olhar-poeta, e o olhar-louco, devir pungente, lúdico e inquietante da experiência sensível do mundo.

Na repetição de novo se recapturava: gente menina formiga

Depois dessa bincadeira-mantra era mais fácil dormir

Na sua lógica dava para inverter de lugar até enquanto ela visse a estrela

A estrela também a veria

Lembra ser este um dos seus treinamentos mais antigos para poesia

Entre muitas outras Imagens que posso reconhecer na ontologia da criação, a criança-velha e a velha-criança, para mim, são Imagens-Máscara, um fio condutor ligando-se à *Estação Branco*⁶ do primeiro ciclo, repercute no segundo ciclo, em surdina, mas sem desaparecer, reaparecendo mais intensamente agora no terceiro ciclo. O espetáculo *Protocolo Lunar*, espetáculo com atores, bonecos e objetos, destina-se a crianças dos oito aos oitenta. Seu eixo dramático nasce do diálogo entre uma velha e uma menina, a velha Domingas diz em cena: “há mais ou menos sete mil anos estou aqui”.

Enfim, como em Clarice Lispector (LISPECTOR, 1978, p. 25)

- A— Estou esculpindo Ângela com pedras das encostas, até formá-la em estátua. Aí sopro nela e ela se anima e me sobrepuja.
- B— Criar um ser que me contraponha é dentro do silêncio.
- A— Clarineta em espiral.
- B— Violoncelo escuro.
- A— Mas consigo ver, embora mal e mal, Ângela de pé junto a mim.
- B— Ei-la que se aproxima um pouco mais. Depois senta-se ao meu lado, debruça o rosto entre as mãos e chora por ter sido criada.
- A— Consolo-a fazendo-a entender que também eu tenho a vasta e informe melancolia de ter sido criado.

⁶ Na *Estação Branco* o mundo da infância é o grande ente amado, que sob o olhar perplexo da criança, vai se desbotando. Para que não se perca totalmente, o sujeito guarda apontamentos. A *Estação* se chama *Branco*, mas ela é a resistência em segurar esse desbotamento e, para que não ocorra o *fading* total, memória-imaginação fundidas fizeram seu “filme”.

Se pensar que, mesmo em fading e aos fragmentos (figura 6), Ângela congrega toda minha escultura-tentativa de obra, quando ela me sobrepujar, com certeza já terei assumido a nossa última e indesejada, a nossa máscara absoluta. Nesse espaço intercalar entre meu rosto e as Máscaras, só então cessará todo o devir, em seus desdobramentos de fluxos e refluxos. Mas Ângela como Imagem-Máscara permanecerá aberta em Sombra, a ser indefinidamente projetada adiante de outros seres.

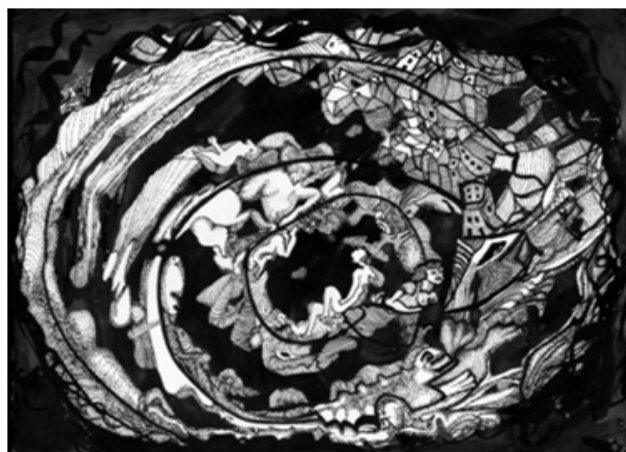


Figura 6 – RANGEL (2005) Ciclo CasaTempo – Desenho sobre papel.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *O direito de sonbar*. Tradução de José Américo Mota Pessanha et al. São Paulo: Difel, 1986.
- LISPECTOR, Clarice. *Pulsações: um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- JUNG, Carl Gustav. *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- _____. *Memórias, sonhos, reflexões*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.
- MAFESSOLI, Michel. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- RANGEL, Sonia. *CasaTempo*. Salvador: Solisluna, 2005.
- _____. *Circumnavigare*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1995.
- _____. *Olho desarmado: objeto poético e trajeto criativo*. Salvador: Solisluna: 2009.

